PODCAST

# TERRITÓRIO VIVO

UM PAPO RETO COM QUEM CONECTA A ARTE E O CORRE



## Episódio 10 - Itaperuna Corre

*>>>> som de rua calma <<<<*

*>>>> som de cantar de pássaros <<<<*

**Samara Costa:** No episódio anterior, a gente chegou em Itaperuna. Escutou o Valber e Junio pra entender o que forma a cidade e os caminhos que atravessam quem vive por lá.

Agora, a conversa muda de lugar. Porque conhecer o território é só o começo.Em um território onde a cultura já tem raízes fortes, como das bandas de baile e da força da folia de reis, o que significa abrir espaço para novas linguagens, como o grafite? E o que acontece quando esses dois tempos, o da memória e o da novidade, passam a dividir o mesmo território?

Eu sou Samara Costa e esse o Território Vivo, um podcast Firjan SESI. E você, vem com a gente nesse corre?

Pra começar a entender o corre em Itaperuna, uma coisa aparece rápido: a arte por aqui não se sustenta sozinha. Ela depende, e muito, de quem puxa, articula, organiza.

Diferente dos grandes centros, a cidade não tem uma rede extensa de equipamentos culturais funcionando o tempo todo.

O que mantém a cena viva são iniciativas que vão sendo construídas no caminho. Projetos de formação, por exemplo, quase sempre nascem assim: de encontros, colaborações e ações pontuais. A própria Firjan SESI Itaperuna entra como um desses pontos de acesso, com oficinas, cursos e circulação de espetáculos. E quando a gente olha pra arte urbana, essa lógica fica ainda mais evidente.

Nas cidades do interior, ela nem sempre ocupa um circuito visível. Não tem um bairro "oficial" de street art, nem roteiro turístico consolidado. Em Itaperuna, o grafite aparece de outro jeito. Ele surge em muros de escola, em paredes de espaços públicos, em intervenções que vão acontecendo conforme a cidade permite.

Não existe um lugar fixo. Existe o muro que foi autorizado E isso muda tudo. Porque cada intervenção não é só estética. É também negociação com o território.

*>>>> som de jet de spray <<<<*

**Nando Pontes:** Meu nome é Nando, eu sou brasileiro, branco, de estatura de 1,71m, 72, 83kg, quilos, tenho barba, tenho tatuagens… Tenho cabelos dreads longos, camisa do grafita, que é uma camisa de time que a gente fez no nosso projeto.



**Samara Costa:** Esse é o Nando Pontes, um dos fundadores do Mutirão Grafita. O caminho da arte urbana para ele vem de antes do contato direto com a cidade. Crescido em Itaperuna, no interior do Rio de Janeiro, ele conta que o acesso à cultura urbana era escasso. Foi apenas anos depois, ao se mudar para a capital, que tudo mudou.

Na infância, o primeiro impacto foi através de revistinhas de grafite que circulavam de forma muito limitada no interior. Não era algo tão presente na cidade e muito menos nas escolas.

Mas em 2005 Nando se muda do interior para cursar Design no Rio de Janeiro. É nesse momento que ele começa a ter outra relação com o graffite, bem diferente das que só se limitavam a páginas de revista. Ali ele vê o grafite de perto pela primeira vez, já inserido no espaço urbano, como linguagem viva da cidade. E ele lembra bem desse choque inicial.

> **Nando Pontes:** Na verdade, desembarcando no Rio, aquilo já me impressionou muito, que eu vi de perto grafites que eu só tinha visto em fotografia. E no decorrer do curso da faculdade, um amigo, Marcelinho, me convidou para pintar. Ele já pintava, ele já fazia uns grafites. Ele viu meu desenho, ele se amarrou nos meus desenhos. Aí quando ele me falou que grafitava, aquilo pra mim foi, sabe Caramba, por favor, me leva, me leva. Aí ele me levou um dia. Conheci outras pessoas que também pintavam. E dali pra frente, nunca mais parei.

**Samara Costa:** Quando volta a Itaperuna, o movimento muda de ritmo. O grafite existe, mas não com a mesma estrutura e até reconhecimento que ele via na capital. A prática continua, mas agora com vigilância.

Quase tudo dependia de autorização ou de negociação direta com o espaço. Não existe, até hoje em Itaperuna, a ideia de lugares "naturalmente liberados" como em grandes centros.

> **Nando Pontes:** Eu já fui até abordado uma vez aqui, pintando até no muro, que a antiga Capil. Era um lugar onde a cooperativa, onde existia a festa da cidade, e essa cooperativa foi desativada. O local estava deteriorado já. Era apenas um pedaço de muro que tinha lá no local. Eu achei que não teria problema ser pintado, já que era apenas um pedaço de muro. E aí chegaram os policiais, me abordaram, me levaram para a delegacia.

**Samara Costa:** Mesmo com esse histórico de tensão, ele percebe uma virada acontecendo.Aos poucos, o grafite começa a ganhar outro tipo de leitura na cidade. Principalmente quando aparece em ações coletivas, projetos de revitalização, intervenções que dialogam com o espaço, e não só ocupam.

É como se, nesse formato, a cidade começasse a enxergar não só o gesto… mas o valor. E aí, o que antes era visto com desconfiança, começa, ainda que devagar, a ser aceito.

> **Nando Pontes:** A gente está em vista como é que a cidade tem recebido, de forma muito acolhedora, esse movimento que a gente tem feito aqui. As pessoas estão querendo ter isso aqui na cidade. E de qualquer faixa etária que seja. A gente fica vendo a resposta tanto das crianças quanto da galera mais velha. E tem sido muito bonito. E a gente está conseguindo também trazer gente de fora para vir para cá. Mostrar sua arte.

**Samara Costa:** Porque quando uma linguagem não circula, não se repete e não faz parte do cotidiano… ela vira estranha.



**Nando Pontes:** Falta de acesso, falta de informação, falta de contato. Às vezes já enquadrar como se fosse algo criminalizado, sabe?

**Samara Costa:** É aí que o grafite deixa de ser só prática e começa a ser parte do território. Em Itaperuna, ele não tem lugar fixo. Acontece onde dá, e isso muda tudo.

Antes da rua, veio a formação em Design e alguns anos em agência. Mas esse período, pra ele, vai ganhando outro peso. Ele descreve esse momento com desgaste.  A lógica da agência começa a sufocar o espaço criativo. A criação vai ficando cada vez mais condicionada.

Ao mesmo tempo, o grafite puxava. A saída foi construída, com apoio da família. Nando começa a entrar em coletivos, circula por projetos e passa assim a viver da arte. É aí que ele reconhece a virada.

**Nando Pontes:** Logo que eu saí do trabalho que eu acreditei no meu, sabe? Que eu poderia viver de arte, que eu poderia. Parece que me deu um gás tão grande, que é isso. A gente botou as caras. Comecei a conhecer pessoas certas para poder fazer o negócio acontecer.

**Samara Costa:** Do grafite pra tatuagem, do design de agência para algo mais autoral. Mas pra Nando,a virada mesmo não está na formação e nem no mercado. Está na rua.

**Nando Pontes:** A rua me ensinou tudo. A rua, caramba, lá no Rio eu sou outra pessoa. Eu era doido para voltar para o interior. Eu não me sentia a parte da cidade. A partir do momento que eu comecei a pintar na rua, que eu comecei a me ver parte daquele lugar. Que é isso. É você também estar em vários lugares. Você ser um pouco onipresente.

**Samara Costa:** A experiência urbana mudou o jeito do Nando se relacionar com o mundo. Porque a rua exige leitura o tempo todo. Seja de pessoas, do espaço ou até mesmo do contexto. E isso vira prática. Quase no automático.

**Nando Pontes:** E no meio disso você está fazendo um processo criativo ali, no meio de engarrafamento, sendo xingado, tendo que correr às vezes.Então, isso me despertou, me deu uma sagacidade de vida muito grande, até de leitura das pessoas e também leitura do lugar. Eu vejo que depois do grafite eu sei muito mais chegar nos lugares. Eu consigo ter uma leitura mais rápida de cada território.

**Samara Costa:** Um dos marcos mais importantes da trajetória recente dele é o Grafitta. O coletivo começa a se formar em 2022, se estrutura melhor em 2024 e, em 2025, vira associação. A proposta é direta: fortalecer a arte urbana na região e ampliar o acesso à cultura. E isso ganha forma na prática.

**Nando Pontes:** E setembro do ano passado a gente conseguiu executar a segunda edição do Mutirão que foi maior ainda, que a gente fez aqui aqui do lado. E a gente conseguiu botar 52 artistas de diversos lugares. E até agora presença internacional e para a cidade foi um marco. O pessoal só falava disso. Depois minha mãe falando que lá na escola dela o pessoal só falava disso o pessoal, minha prima no colégio, sabe?

**Samara Costa:** Além dos murais, o coletivo promove oficinas, eventos e integra outras linguagens da cultura hip hop, como música e dança.

**Nando Pontes:** A gente está fazendo para as pessoas, né? A gente está fazendo para a



população,
a gente está fazendo para aquela galera que vive aquela rotina ali.

**Samara Costa:** No meio da conversa, Nando lembra de um desses encontros que parecem pequenos no começo, mas mudam o rumo de tudo. Era 2024, quando ele ministrou um workshop de arte urbana de 68 horas na Firjan SESI Itaperuna. Durante as aulas, os outros artistas mergulharam na origem do grafite e nos principais movimentos que atravessam a arte urbana.

Como projeto final, a proposta era colocar a mão na massa e aplicar as técnicas aprendidas em um mural coletivo. A ideia inicial era homenagear mulheres, um tema amplo e bem aberto.

Mas, no meio do processo, alguém muda a direção. "E se fosse a dona Carmosina?" Professora da cidade, já falecida. Daquelas figuras que atravessam gerações, e que, no caso do próprio Nando, também tinham atravessado a vida dele, lá atrás, nas aulas de educação física.

De repente, o mural deixou de ser só exercício artístico e virou memória viva.

> **Nando Pontes:** Muita gente se emocionou. Praticamente a cidade inteira já teve aula com ela, sabe? Então, esse movimento, esse cuidado de fazer a obra para que seja deixado esse legado, para que essa mensagem seja propagada no lugar. Tem que ter um carinho, tem que ter uma sensibilidade para ser feita.

**Samara Costa:** O que começou como uma oficina se expandiu para além da sala, conectando artistas e ocupando a cidade. Foi daí que nasceu o Mutirão Grafitta. Um encontro de arte urbana que transforma muros em galerias a céu aberto.

> **Nando Pontes:** Muita gente se emocionou, praticamente a cidade inteira já teve aula com ela, sabe? Então, esse movimento, esse cuidado de fazer a obra para que seja deixado esse legado, para que essa mensagem seja propagada no lugar, tem que ter um carinho, tem que ter uma sensibilidade para ser feita.

**Samara Costa:** Mais do que reconhecimento pessoal, Nando busca deixar um impacto coletivo. Seu maior desejo é criar oportunidades para que outras pessoas, especialmente jovens, tenham acesso ao que ele não teve na infância. Ele relembra um momento bem especial.

> **Nando Pontes:** É isso, de um lugar onde eu sempre quis estar e quando eu vi outras crianças igual tem o Tavinho, mas coincidentemente quando a gente chegou lá no mutirão, ele estava na casa da avó dele e tinha vários grafitinhos dele ali em volta e quando ele viu aquela movimentação ele não acreditou. A gente deu uma camisa pra ele, deu um kit de tinta pra ele, sabe? Ele se sentiu parte da equipe, sabe? Fez o corre dele com os amiguinhos dele lá, sabe? Eu queria ter tido isso na minha infância, sabe?

**Samara Costa:** O Nando não teve esse caminho pronto. Mas, de algum modo, ele escolheu construir isso para quem vem depois. Um legado que não é só obra na parede e sim abertura de caminho.

Hoje, o Grafitta se consolida como um movimento ativo na cidade. São mutirões que reúnem artistas de Itaperuna e também de outros lugares, gente que chega para somar, trocar e construir junto. Além disso, o grupo promove oficinas e o Baile do Grafitta, um encontro que mistura grafite ao vivo, música e DJs, ocupando Itaperuna com arte e convivência.



Mais do que produzir arte, o Grafitta vem criando uma cena. Porque, no fim, é sobre isso: tornar o percurso menos solitário pra quem ainda vai começar a andar, ou melhor, grafittar.

> **Matheus Ferreira:** Meu nome é Matheus Ferreira. Eu tenho 41 anos, sou um homem cis, de pele branca, 1,70m de altura, cabelos bem curtos, os que me restam pretos. Uso um óculos redondo preto, tenho olhos castanhos escuros, não tenho tatuagem, não uso brinco.

**Samara Costa:** Tem lugares que não são só espaços físicos. Na Firjan SESI Itaperuna, o teatro carrega esse papel. Quase sozinho, num raio de 100 quilômetros. E por trás dele, as histórias não começam num ponto exato. Elas vão se acumulando.

O Matheus hoje é gestor cultural do espaço. Alguém que cresceu ali dentro e, ao longo dos anos, ajudou a transformar o próprio lugar onde foi formado.

Mas a relação dele com esse teatro não começa agora. Começa lá atrás, em 2010. Ele entra como auxiliar de produção cultural, passa pela supervisão e, anos depois, retorna como gestor, coordenador de cultura, como ele mesmo define hoje.

> **Matheus Ferreira:** Eu acho que muito dessa construção de hoje eu ser coordenador aqui, eu gestor cultural, diz muito do que eu fui lá atrás. Dessa primeira passagem, dessa primeira história que tivemos aqui. E vamos continuar tendo por muito tempo. Então, vamos considerar que são 10, mais 2 anos e meio. A proximadamente 12 anos.

**Samara Costa:** Quando ingressou na Firjan SESI, o teatro em Itaperuna ainda enfrentava um desafio central: formar plateia.

Em uma cidade sem tradição consolidada em artes cênicas, foi preciso construir esse vínculo do zero.

Ao longo dos anos, esse esforço se transformou em um processo geracional. Hoje, antigos espectadores voltam ao espaço acompanhados de seus filhos, inclusive Matheus.

> **Matheus Ferreira:** De lá para cá, eu pude observar que as pessoas passaram a ter o gosto pela arte, pela cultura, de fato. Eu acho que esse equipamento cultural onde a gente está hoje passa muito pela formação de uma geração.

**Samara Costa:** Num território onde faltam equipamentos culturais o polo acaba ganhando um papel gigante. O Noroeste Fluminense, com seus 13 municípios, ainda tem pouca estrutura voltada para as artes cênicas. E é aí que o Teatro Firjan SESI entra em cena. Em 2026, ele completa 25 anos sendo muito mais do que um palco: é ponto de encontro e de acesso à cultura para muita gente da região.

Por  ali, passa de tudo um pouco: teatro, música, exposições, oficinas… Numa programação que tenta dialogar com diferentes públicos e abrir caminhos para quem talvez ainda não tenha pisado num teatro antes.

> **Matheus Ferreira:** A gente tem uma responsabilidade muito grande de estar difundindo a nossa arte, a cultura, a cultura local. Então parte muito do princípio que a gente é muito responsável em trazer todas essas formas de arte aqui, desde espetáculos de teatro, espetáculos infantis, as oficinas que nós também apresentamos, os shows, as exposições.



**Samara Costa:** Para o Matheus, tem uma virada importante quando ele pensa em território. A cultura não chega como algo externo. Ela já existe. Está nas pessoas e  nas experiências do dia a dia. Mesmo quando não aparece no palco, museu ou programação oficial. Nesse sentido, o papel da gestão cultural também muda. Não é "levar cultura" para a cidade, mas abrir espaço para que o que já existe possa ganhar visibilidade e circular.

E Itaperuna é um bom exemplo disso. Antes mesmo de qualquer equipamento cultural, a cidade já carregava suas próprias expressões. Entre elas, a tradição da Folia de Reis que conhecemos no episódio anterior.

E até mesmo os novos talentos que estão surgindo e crescendo para além da região, como Miguel Vicente, mas conhecido como Miguelzinho do Cavaco. Ainda muito novo, ele já chama atenção. Miguel aprendeu a tocar cavaquinho com apenas 3 anos e hoje soma mais de 1 milhão de seguidores nas redes sociais. Em abril deste ano, Miguel fez seu primeiro show no Teatro Firjan SESI Itaperuna, sua cidade natal.  No palco, misturou clássicos do samba com músicas autorais, mostrando que, mesmo cedo, já está criando seu próprio caminho.

E talvez seja isso que faz esse território ser tão interessante: tradição e novidade convivendo juntos o tempo todo.

> **Matheus Ferreira:** Então, a gente tem um projeto chamado "A Pauta Local", que a gente convida artistas a difundir a sua arte aqui, sendo show, sendo teatro, sendo qualquer outro tipo de manifestação cultural. Para que ele possa, de fato, integrar o território a ele, né?

**Samara Costa:** Para ele, no fim, tudo se resume a um instante. Aquele momento silencioso quando alguma coisa muda por dentro de quem é atravessado pela arte. Quando eu pergunto por que ele continua trabalhando com cultura, a resposta não vem rápida. Vem carregada. Cheia de emoção.

> **Matheus Ferreira:** O brilho nos olhos das pessoas, o brilho dos olhos daquela criança que vem pela primeira vez, o brilho dos olhos da idosa que talvez venha a última vez, o brilho dos olhos da pessoa que nunca viu um teatro, nunca apresentou, nunca esteve aqui dentro. O brilho dos olhos daquele artista que o sonho dele era apresentar aqui.

**Samara Costa:** E esse foi mais um corre contado a partir de Itaperuna. Mas também foi o último episódio dessa temporada. Ao longo dessa viagem, a gente passou por Duque de Caxias, Campos dos Goytacazes, Macaé, Itaperuna… atravessou Jacarepaguá, passou pela Cidade de Deus. Lugares diferentes, histórias únicas, mas com algo em comum: gente fazendo a cultura acontecer todos os dias. Na marra, muitas vezes. Mas também com amor e profissionalismo.

Porque, no fim, é isso: é preciso coragem. Entre palcos da Firjan SESI, ruas, muros e quintais, o que a gente viu foi simples e potente ao mesmo tempo: o território é feito de gente. E, acima de tudo, o território é vivo.

Nossa viagem termina por aqui. Mas a gente sabe: esses caminhos sempre se cruzam de novo. Seja nas plateias, nos palcos, nos festivais da Firjan SESI… Em alguma cidade, em algum lugar. Foi um prazer viajar com vocês. A gente se vê na próxima. Tchau!

Território Vivo é um podcast com a idealização da Gerência de Cultura e arte da Firjan SESI.
A realização é da Firjan SESI e a produção é da Gandaia.